

O CONTO DE FADAS: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL

Flavia Galloulckydio (UERJ)
flaviakydio@gmail.com

1. Introdução

Um dos maiores problemas enfrentados hoje pela escola é a dificuldade dos estudantes em compreender e interpretar textos. Essa dificuldade torna-se ainda mais notória quando os alunos são submetidos a processos avaliativos em nível nacional, visto que os resultados nunca são animadores.

Por essa razão novos conceitos linguísticos, como os propostos na linguística funcional, têm se ocupado com o estudo de formas de contribuição para o aprimoramento desta, que é uma das mais importantes formas de operações didáticas no ensino da língua portuguesa. Essa tendência ocorre justamente por ser a compreensão, juntamente com a produção de textos desenvolvidos na escola, um dos principais fatores que apontam para o sucesso ou o fracasso educacional.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar as contribuições da linguística sistêmico-funcional no ensino de língua portuguesa e observar como se dá a construção de sentido do texto a partir do padrão temático utilizado no gênero *conto de fadas*.

Para tanto, será examinada comparativamente a situação inicial de dois textos do gênero, verificando as semelhanças existentes entre eles, no que diz respeito à sua progressão temática. Parte-se, então, da organização temática das orações que compõem inicialmente os contos para que, a partir delas, se possa observar como, em geral, os autores deste gênero efetuam a ligação entre as informações e orações para organizar sua mensagem; fatos apoiados nos pressupostos teóricos da gramática sistêmico-funcional (GSF) de Halliday.

Dessa maneira, acredita-se que esta investigação contribuirá como suporte para professores de língua portuguesa que desejem aprimorar as práticas de leitura e escrita realizadas na educação básica.

2. *Fundamentação teórica*

Para a viabilização da análise, adotaram-se os pressupostos teóricos da gramática sistêmico-funcional (GSF) de Halliday (2004).

A gramática proposta pelo autor é chamada de sistêmico-funcional devido ao fato de levar em consideração as questões relacionadas ao significado (base semântica), ao uso (funcional) e por considerar a existência de uma rede de sistemas que constituem uma língua (sistêmico). Assim:

Uma língua é interpretada como um sistema de significados, acompanhado de formas por meio das quais os significados podem ser realizados. A questão é antes: “como esses significados são expressos?” [e não “o que essas formas significam?”]. Isso põe as formas da língua numa perspectiva diferente: como meios para um fim, mais que como um fim em si mesmas. (HALLIDAY, 2004, p. xiv)

De acordo com a gramática sistêmico-funcional, a língua é examinada como uma entidade não suficiente em si, e seus estudiosos consideram a importância do ambiente situacional e cultural para a língua em uso. Desse modo, todo texto expressa algum propósito comunicativo e se caracteriza como uma atividade funcional, já que ela acontece sempre com um objetivo específico, como define Halliday (2004).

Desse modo, todo e qualquer uso que se faz do sistema linguístico é funcional relativamente às necessidades de convivência do indivíduo em sociedade. Assim, ao usar a linguagem, o falante da língua faz uma série de escolhas dentre as possibilidades que o sistema linguístico disponibiliza. Nesse sentido, é fundamental que ocorra o desenvolvimento da consciência dos indivíduos sobre os significados que as palavras e suas combinações em textos geram para que os mesmos alcancem, efetivamente, seus propósitos em contextos específicos. Segundo o autor:

[...] não há nenhuma faceta da experiência humana que não possa ser transformada em significado. Em outras palavras, a linguagem fornece uma teoria da experiência humana, e certos recursos léxico-gramaticais de cada língua são dedicados a esta função. (HALLIDAY, 2004, p. 29).

Desta forma, se faz necessário o entendimento de alguns conceitos do modelo investigativo-descritivo que norteiam a teoria sistêmico-funcional. Segundo tal teoria, a linguagem é vista como o lugar de interação, posto que através de seu uso um indivíduo interage com o outro. É nesse processo que os significados são construídos e reconstruídos a cada vez que o sistema é acessado. Assim, é conferida à linguagem um caráter dinâmico, já que cabe a ela satisfazer as necessidades humanas e organi-

zã-las funcionalmente, a partir do sistema linguístico disponível; porém de maneira não arbitrária.

Nesse sentido, por entender que a linguagem é organizada em torno de um propósito (de uma função), pode-se dizer de forma bastante breve que o autor estabelece para componentes funcionais da língua três metafunções: a metafunção ideacional, usada para representar a realidade; a metafunção interpessoal, para interagir com os outros e a metafunção textual, que se dispõe a organizar as próprias mensagens como texto.

Neste trabalho optou-se por analisar de que maneira ocorre a seleção léxico-gramatical para a organização dos significados através da estrutura temática utilizadas nos *contos de fadas*. Para isso, cabe destacar o que a GSF considera como sistemas paralelos e inter-relacionados que dizem respeito à organização da mensagem num texto.

O primeiro deles é chamado *estrutura da informação* e envolve componentes denominados *informação dada*, elemento de conhecimento compartilhado entre os interlocutores e se constitui do que é previsível (recuperável) pelo contexto; e *informação nova*, constituído não apenas pelo que é desconhecido para o ouvinte/ leitor, mas também pelo que não é recuperável, a partir do discurso precedente.

O segundo é chamado de *estrutura temática*. Nele, pode-se observar o que o autor coloca em destaque, oração por oração, e encontrar pistas sobre o desenvolvimento do texto. Assim, cada oração é constituída de duas partes: *o tema*, elemento colocado em posição inicial da oração, funcionando como ponto de partida da mensagem e o *rema*, elemento que segue o *tema*, e é o restante da mensagem, onde são desenvolvidas as ideias que estão sendo veiculadas pelo *tema*. Portanto, o *rema* é a parte da oração em que o *tema* é desenvolvido.

Nessa configuração, o tema consiste somente de um elemento estrutural sendo esse representado por um grupo nominal, adverbial ou grupo ou frase preposicional. Quando um tema é um grupo nominal que exerce a função de sujeito, ou seja, a frase encontra-se na ordem direta dos termos, tem-se o que Halliday (1994) chama de tema não marcado (mais usual na língua). Entretanto, quando o tema é expresso em ordem indireta, ou seja, é composto por um grupo adverbial ou preposicional funcionando como adjunto da oração, tem-se o tema marcado (menos usual na língua).

Traçando-se um paralelo, percebe-se que há uma relação semântica entre a *estrutura da informação* e a *estrutura temática*. Desse modo, verifica-se que, geralmente, a estrutura escolhida como *tema* coincide com o elemento *dado*; enquanto o elemento colocado no restante da oração, *rema*, é correspondente ao *novo* revelado na informação.

A maneira que tais seleções são feitas arquitetam a coesão e a consequente coerência dos textos. Isso porque a disposição temática das orações revela como o autor efetuou a ligação entre as informações e orações para organizar sua mensagem, determinando assim um padrão de progressão temática referente ao gênero escolhido.

A progressão temática, nesse sentido, refere-se a sequências e padrões de temas ideacionais não marcados encontrados em textos (DROGA & HUMPHREY, 2003). Trata-se de uma alternativa de desenvolvimento de parágrafos e um método para o desenvolvimento dos textos. Dentre os principais tipos de progressão temática, três merecem maior relevância: o *padrão com tema constante*, o *padrão linear* e a *subdivisão do rema*.

O padrão com tema constante ocorre quando o tema ideacional se mantém o mesmo ao longo de uma sequência de orações e as informações a respeito dele são construídas no rema de cada oração. No padrão linear, o elemento introduzido no rema de uma oração torna-se o tema da oração seguinte. No que se refere à subdivisão do rema, tem-se um rema superordenado, que se divide nas orações seguintes em posição temática, ou seja, um elemento do rema da oração pode ser repartido e usado como tema nas orações posteriores.

Por isso, para que os mesmos avancem nesses dois níveis, é necessário que haja equilíbrio entre os elementos dados, no nível gramatical, geralmente representados pelo tema; e elementos novos, comumente representados pelo rema.

Dessa maneira, conforme foi apresentado anteriormente, quando se produz um texto verbal especificamente, as escolhas são feitas de maneira que os objetivos do locutor sejam atingidos. Textos como os contos de fadas são caracterizados por tipos de progressão temática que facilitam a compreensão dos leitores e, por essa razão, constituem uma atividade prazerosa, envolvente e de grande aceitação entre crianças e adolescentes que os leem.

Portanto, neste trabalho, pretende-se tratar de maneira mais enfática a metafunção textual, através da análise da progressão temática, e como elas corroboram na produção de sentido deste gênero estimado e conhecido por leitores de tantas gerações.

3. *O gênero discursivo conto de fadas*

Os contos de fadas sempre estiveram presentes na sociedade ocidental e, embora inicialmente não tenham sido criados para crianças, ao longo dos séculos essa realidade foi sendo modificada e hoje são elas e os adolescentes seus leitores mais fiéis.

Como constantemente no interior desses contos é possível encontrar valores que lidam com a sabedoria popular e conteúdos essenciais da condição humana de caráter pedagógico, esse gênero discursivo passou a ocupar papel relevante nas escolas brasileiras de Educação básica.

Segundo Coelho (1987), Propp formulou uma estrutura básica para os contos de fadas, envolvendo uma situação inicial, um conflito, confronto e superação de obstáculos e perigos, restauração e desfecho.

O início caracteriza-se pelo aparecimento do herói ou da heroína e do problema que vai desestabilizar a paz inicial; a ruptura ocorre quando o herói vai para o desconhecido, deixando a proteção e se desligando da vida concreta; o confronto e a superação de obstáculos e perigos se dão no momento em que o herói busca soluções fantasiosas; a restauração inicia o processo da descoberta do novo, das potencialidades e das polaridades; e o desfecho incide no retorno à realidade, com a união dos opostos, iniciando o processo de crescimento e desenvolvimento.

No entanto, as escolas brasileiras de educação básica, influenciadas pelos estudos recentes da linguística textual, ao abordar esse gênero com os estudantes, elegeram um estudo estrutural mais amplo e que abarcasse outros gêneros narrativos. Dessa maneira, a abordagem mais comum a respeito das partes que compõem o conto, inclusive o de fadas, é feita através do que se conhece como *estrutura do enredo*. De acordo com essa teoria, o enredo do conto tradicional estrutura-se com base nas seguintes partes: situação inicial ou apresentação, complicação ou conflito, clímax e desfecho.

A situação inicial geralmente coincide com o começo da narrativa e nela são apresentados os fatos iniciais, as características principais das

personagens e, por vezes, o tempo e o espaço. A complicação é a parte do enredo em que é desenvolvido o conflito, o momento em que há desestabilização do cotidiano das personagens. No clímax, ocorre o momento culminante da narrativa, ou seja, aquele de maior tensão, no qual o conflito atinge seu ponto máximo. Já o desfecho é constituído da solução do conflito.

Como este trabalho visa oferecer suporte para a prática de leitura e escrita nas escolas de educação básica, optou-se pela análise da situação inicial dos *contos de fadas* e da consequente utilização da teoria citada, pois a mesma já é reconhecida e trabalhada por professores de diferentes regiões do Brasil.

No que se refere à análise, a escolha pela apreciação da situação inicial se deu pela dificuldade apresentada pelos estudantes em iniciar um texto escrito narrativo, sobretudo no que diz respeito à caracterização dos personagens e sua localização no tempo e espaço.

4. Metodologia

Segundo Antunes (2010), recorremos a um texto quando temos a pretensão comunicativa e a queremos expressar. Em outras palavras, tudo o que falamos ou escrevemos em situação de comunicação se dá por meio de textos.

Desse modo, todo texto expressa algum propósito comunicativo e se caracteriza como uma atividade funcional, já que ela acontece sempre com um objetivo específico como define Halliday (2004).

Assim, compreender o que se lê é a condição essencial para um indivíduo atuar ativamente em uma sociedade, por se tratar de uma operação que vai além do aparato linguístico, pois se trata de um evento comunicativo em que se operam, simultaneamente, ações linguísticas, sociais e cognitivas.

Por isso, é preciso que a leitura e a escrita ocupem um papel de destaque no currículo escolar e que elas tenham formas de atuação mais eficientes nas aulas de língua portuguesa.

Para tal, este trabalho utiliza como ponto de partida a análise das sequências temáticas observadas na situação inicial do gênero *conto de fadas*. Essa escolha foi motivada pela intimidade, interesse e relevância

social que ainda hoje esses textos apresentam entre crianças e adolescentes em idade escolar.

Concomitante a isso, está o fato de o mesmo ser considerado, quanto à sua organização temática, um gênero simples fortemente restringido por fórmulas pré-determinadas pela tradição, já que, em geral, apresentam o mesmo esquema narrativo, no qual as características principais das personagens, bem como suas particularidades materiais, são apresentadas na situação inicial da narrativa.

Posto isso, começou-se por delimitar as unidades oracionais que se definiu como base da análise tema – rema. Em seguida, passou-se à apreciação dos temas oracionais, destacando-se apenas os temas de significado ideacional e o tipo de seleção feita nos mesmos, isto é, se o tema é marcado ou não marcado.

A fim de facilitar a análise dos dados, optou-se por apresentar no *corpus* os fragmentos dos contos separados por barras delimitando as orações. Além disso, para melhor localização das mesmas, houve a preocupação de numerá-las. Os números referentes a cada oração encontram-se delimitados por meio de parênteses.

Quanto aos temas ideacionais, estes podem ser identificados com facilidade, pois cada item deste tipo foi cuidadosamente sublinhado e, em caso de eclipse, sinalizou-se com a marca [0]. Consequentemente o rema é representado pela parte não sublinhada da oração. Em relação ao tipo de seleção feita nos temas, optou-se por classificá-las no percurso da análise do *corpus*.

Desse modo, ao longo da análise, é dada atenção para os tipos de significados ideacionais mais recorrentes e para elementos que possam ser interpretados, por parte do leitor, como marcas estruturais de um padrão de progressão temática na situação inicial dos *contos de fadas*.

5. O *corpus*

5.1. Texto I

Os Três Ursos

Era uma vez, (1) / há muitos e muitos anos, (2) / três ursos (1) / que viviam numa casinha bem no meio da floresta: (3) / Papai Urso, que era grande e forte (4) / e que tinha uma voz muito grossa; (5) / Mamãe Ursa, / que era menor, (7) / [0] tinha o pelo muito sedoso e uma voz doce e melodiosa; (6) / e fi-

nalmente o *Ursinho*, que era muito pequeno (8) / e *que* parecia uma bolinha fofa. (9) / *Ele* tinha uma vizinha fininha, fininha. (10)

Os três ursos eram uma família muito feliz. (11) / *Cada um* tinha a sua cama: (12) / *Papai Urso* tinha uma cama grande e dura; (13) / *Mamãe Urso* tinha uma cama menor e macia; (14) / e o *Ursinho* tinha uma cama bem pequena e a mais macia de todas. (15)

Papai Urso tinha uma cadeira grande, toda de madeira; (16) / *Mamãe Urso* tinha uma cadeira de veludo vermelho; (17) / e o *Ursinho* tinha uma cadeirinha com seu nome escrito nela. (18) / *Eles* gostavam muito de comer mingau de aveia, (19) / e *todos os dias* Mamãe Urso punha o mingau numa enorme panela (20) / e o [0] cozinhava para os três. (21) / Depois, ela o derramava nas tigelas de cada um deles. (22)

5.2. Texto II

Rosa Branca e Rosa Vermelha

Era uma vez uma pobre viúva (1) / *que* morava numa casinha muito pequenininha, na floresta. (2) / *Na frente da casinha* havia duas roseiras; (3) / uma [0] sempre dava rosas brancas (4) / e a *outra* [0] dava rosas vermelhas. (5) / *A viúva* tinha duas filhas, (6) / *que* eram lindas como as roseiras, (7) / e *os nomes delas* eram Rosa Branca e Rosa Vermelha. (8) / [0] Eram as meninas mais meigas e boazinhas (9) / *que* se possa imaginar! (10)

Rosa Branca tinha os cabelos louros e longos, e doces olhos azuis, (11) / enquanto *Rosa Vermelha* tinha cabelos negros e ondulados, olhos castanhos muito vivos e uma linda pele acetinada. (12) / *As duas meninas* eram muito amigas (13) / e [0] andavam sempre juntas. (14)

Rosa Vermelha adorava correr pelos campos, (15) / [0] colhendo flores, (16) / enquanto *Rosa Branca* preferia ajudar a mãe em casa. (17) / *Mas* [0] costumavam passear juntas, de mãos dadas, pela floresta. (18)

Embora elas às vezes se afastassem de casa, (19) / embrenhando-se pela floresta, à procura de amoras silvestres, (20) / *nenhum animal selvagem* lhes fazia qualquer mal. (21) / Em vez disso, *elas* se aproximavam das irmãs (22) / como se [0] adivinhassem (23) / *que Rosa Branca e Rosa Vermelha* seriam sempre boas para eles. (24) / *A pequenina lebre marrom*, geralmente muito tímida, comia em suas mãos, (25) / e *as corças e veadinhas* pastavam tranquilamente ao lado delas, (26) / enquanto, *no alto das árvores*, os pássaros cantavam (27) / *para agradá-las*. (28)

6. Análise do corpus

Ao analisar a estrutura temática da situação inicial dos textos oração por oração, pode-se observar que o autor faz uso de temas, majoritariamente, ideacionais. O primeiro tema do texto *Os Três Ursos* (texto I)

assim como o de *Rosa Branca e Rosa Vermelha* (Texto II), *Era uma vez*, é analisável como estrutura temática única. Trata-se de uma fórmula fixa que abre um espaço fictício com características particulares e que gera fortes expectativas no leitor em relação ao gênero apresentado, já que tal fórmula introdutória é um operador da construção de um espaço semântico ou mundo caracterizado pela ficcionalidade e situado num tempo passado longínquo e indeterminado. Esse elemento temático acumula, dessa maneira, uma função semântico-referencial, visto que aponta para um universo de referência; e uma função de localização temporal, ainda que indeterminada, cuja função é reportar o leitor para um passado remoto, tempo narrativo típico dos Contos de fadas.

Nota-se também que, no primeiro texto, tal indeterminação temporal é reforçada pela utilização da oração “há muitos e muitos anos” também considerada neste contexto como pertencente a uma única estrutura temática que intensifica a noção de passado remoto, característico deste tipo de narrativa. Ao longo do texto I, foram encontrados ainda outros elementos temáticos que têm também função de localização no eixo temporal, são eles: *todos os dias* (oração 20) e *Depois* (oração 22). São temas marcados que, pelo seu significado de tipo temporal, organizam, pontuam, situam no tempo as ações representadas.

No que diz respeito ao segundo conto, esse papel é cumprido por orações com valor temporal introduzidas pela conjunção *enquanto* (orações 12, 17 e 28). Como tal conjunção não é constitui um tema ideacional, mas sim textual; optou-se por apenas citá-la.

Em relação aos circunstantes temporais, é importante ressaltar que são formas de localização não datadas e, portanto, apenas restringem temporalmente os eventos relatados; fato que da continuidade a linha instaurada pelo tema que inicia ambos os textos. Por outro lado, tais circunstantes não fornecem qualquer indicação de que o discurso não respeita a ordem cronológica de ocorrência dos eventos relatados.

Ainda foram notados, na apresentação do segundo conto, temas ideacionais que se diferem dos demais e, por vezes, entre si pelo significado que realizam. Contudo não se pode deixar de referi-los: *Na frente da casinha* (oração 3) e *no alto das árvores* (oração 27), ambos circunstantes com valor locacional; *Embora elas se afastassem de casa* (oração 19), com valor concessivo e *Para agradá-las* (oração 28), circunstância que revela a finalidade da ação expressa na oração principal.

Nos temas ideacionais dos textos predominam, porém, outro tipo de elemento topical: são manifestadamente preponderantes as expressões nominalizadas e referenciais que designam os participantes centrais da narrativa no estado de coisas descrito, ocupando a posição de sujeito das orações. De fato, no conto *Os Três Ursos*, dos vinte e dois temas analisados, em dezessete, o participante é representado por substantivos que os designam, por elipses ou por pronomes que fazem referência direta aos participantes centrais da narrativa nesta função. Da mesma forma, em *Rosa Branca e Rosa Vermelha*, dos vinte e oito temas avaliados, em vinte e um deles ocorre a mesma incidência.

Logo no primeiro parágrafo, no que diz respeito à progressão temática do texto I, percebe-se que o autor, após localizar temporalmente a narrativa, se preocupa em apresentar no Rema os participantes que serão topicalizados nas orações seguintes. Desta forma, os dois temas iniciais já descritos apresentam fatos dados, representados pelos temas oracionais *Era uma vez e há muitos e muitos anos*, e um fato novo, *três ursos*, situado em posição remática, fazendo com que o leitor identifique com facilidade os participantes que serão foco da narrativa. Tal elemento novo é retomado na oração seguinte por meio do pronome referencial que é desenvolvido na estrutura remática posterior.

Tal modelo de progressão temática é encontrado de modo semelhante no texto II, porém, antes de topicalizar as protagonistas da narrativa, opta por apresentar em posição remática a mãe de *Rosa Branca e Rosa Vermelha* (elemento novo). Esse elemento é retomado na oração seguinte em posição temática e, no rema que o procede são encontradas informações novas a respeito do lugar, em meio à natureza, em que a viúva habitava.

Esse padrão linear de progressão, no entanto, é rompido em ambos os textos, a partir da quarta oração. Notadamente, esse procedimento é realizado com a finalidade de distinguir os três membros da família de ursos (texto I) e diferenciar as duas irmãs protagonistas (texto II). Assim, na situação inicial dos contos, é construído um paralelismo sintático em que dois padrões de progressão são utilizados: o padrão com tema constante e, especialmente, a subdivisão do tema.

Dessa forma, na quarta e quinta orações do primeiro conto, o participante *Papai Urso* aparece em posição temática, primeiramente representado por um substantivo e, em seguida, pelo pronome relativo *que*, cuja intenção discursiva é a manutenção do conteúdo semântico. Padrão

semelhante ocorre nas duas próximas orações, em que *Mamãe Ursa* é topicalizada.

Todavia na oração de número 8, percebe-se a preocupação do autor em sinalizar para o leitor que o último integrante da família será apresentado. Para tal, coloca em posição temática o termo circunstancial “finalmente”, rompendo com a estrutura sintática anterior e, por conseguinte, com a escolha por temas não marcados que fizera nas orações precedentes. No entanto, nas orações 9 e 10, tematiza o participante Ursinho, representado respectivamente pelo substantivo e pelo pronome pessoal ele e que atua como sujeito das orações.

Conforme foi exposto anteriormente, também no texto II, a subdivisão do rema se dá a partir da quarta oração, em que, respectivamente, *Rosa Branca* (oração 4) e *Rosa Vermelha* (oração 5) são introduzidas na narrativa, representadas pelas roseiras que a mãe possuía. Sobre isso, convém destacar que, nas duas ocorrências, as protagonistas ocupam posição temática com função de sujeito, embora elíptico; e que as características que as diferenciam estão localizadas em posição remática. Tal padrão de progressão é rompido pelo padrão linear (orações 6, 7 e 8), em que o elemento introduzido no rema torna-se o tema da oração seguinte. Dessa forma, a oração de número 6 utiliza como elemento temático (dado) o sujeito *A viúva* e como elemento remático (novo) *duas filhas* para, na oração 7, elegê-lo como tema, representado lexicalmente pelo pronome relativo *que*.

Percebe-se ainda que o autor do texto II opta pelo padrão de tema constante nas orações que encerram o primeiro parágrafo (8, 9 e 10). Nesse tipo de progressão, o tema ideacional se mantém o mesmo ao longo de uma sequência de orações, e as informações novas são construídas no rema. Desse modo, há a manutenção do tema *duas filhas*; na sequência, retomado, respectivamente, pelo pronome relativo *que*, pronome possessivo *delas* e elipse de *Rosa Branca e Rosa Vermelha*.

A partir da oração que inicia o segundo parágrafo do conto *Rosa Branca e Rosa Vermelha*, a eleição pela subdivisão do rema é feita novamente (orações 11 e 12). Tal fato é percebido também no segundo parágrafo de *Os três ursos*, porém neste, o autor lança mão do padrão de tema constante nas duas primeiras orações e, em seguida, opta pela subdivisão de rema para organizar sua mensagem; enquanto naquele a opção por tema constante finaliza o parágrafo (orações 13 e 14). Contudo, é notória, em ambos os textos, a preocupação com a manutenção dos partici-

pantes das orações em posição temática, composição que faz com que o leitor pouco experiente localize com facilidade as personagens da narrativa e, com isso, não perca nenhuma característica importante dos protagonistas.

O terceiro parágrafo dos contos é apresentado como uma espécie de continuação do anterior, já que a alternativa por temas não marcados é conservada, bem como a subdivisão de rema: orações 13, 14 e 15; no texto I e orações 15, 16 e 17; no texto II. Percebe-se novamente a presença de certo paralelismo, visto que tais orações são ordenadas de maneira semelhante em ambos os textos, quanto à estrutura sintática e categorias lexicais. Tal paralelismo, no entanto, é rompido, no texto I, pela oração 19, embora o pronome *eles* garanta a manutenção do foco temático e as informações procedentes sejam organizadas segundo o padrão de subdivisão de rema. Destaca-se, porém, que tal subdivisão privilegia apenas as ações habituais ligadas as funções particulares da personagem *Mamãe Ursa* dentro da família. Convém reiterar que duas das três orações que contém tais ações foram introduzidas por temas marcados de valor temporal, conforme apontado anteriormente.

Quanto a isso, é necessário ressaltar que o conteúdo das informações vinculadas aos temas precedentes, já são conhecidas pelo leitor, enquanto as informações novas (caracterização das cadeiras de posse de cada integrante da família) são colocadas em posição remática.

No quarto parágrafo do conto II, observa-se, a partir do segundo tema, a opção pelo padrão de progressão linear (orações 22, 23, 24 e 25), seguido de subdivisão da informação contida no pronome *eles*, em posição remática. Esse pronome, que reitera o substantivo *animais*, é subdividido em dois temas (orações 26 e 27) cuja função é, assim como ocorreu no parágrafo anterior, distinguir as ações ou características peculiares dos participantes que compõem a narrativa.

Como pôde ser compreendido, a presença recorrente de um determinado tipo de significado ou informação em posição temática, implica na criação de métodos de com propriedades bastante particulares. Na situação inicial dos contos analisados, por exemplo, prevalecem os elementos temáticos que representam claramente os participantes das ações ou caracterizações relatadas. Neste tipo de construção, as personagens são o ponto de partida da mensagem, servem como base para a progressão discursiva do texto e, por isso, nelas as ações encontram o seu suporte funcional.

No que diz respeito especificamente à progressão temática dos textos, verificou-se que, quando há mais de uma personagem central na narrativa, o autor prioriza a construção por meio de subdivisão temática, a fim de que o leitor possa distinguir com mais facilidade os traços representativos da personalidade ou mesmo as características físicas dos participantes da narrativa.

Além desse método de organização da mensagem, observou-se que para apontar a harmonia existente entre as personagens, o padrão de progressão preferido é o com tema constante. Assim, através da manutenção de um tema representado por um item lexical ou elipse que englobe conjuntamente os participantes, o autor garante não só a conservação temática ao longo de uma sequência de orações, mas também o agrupamento das afinidades no rema.

Outro padrão encontrado foi o linear. Ele foi empregado, principalmente, nas orações iniciais dos contos, bem como nos momentos em que houve maior ruptura nas narrativas. Tal padrão proporcionou mais dinâmica em ambos os textos, já que os elementos dados e novos se alternavam mais rapidamente. Sobre isso, convém lembrar que muitos dos temas encontrados nesse padrão eram marcados, fato que gera no leitor expectativas de mudanças.

7. Conclusão

O presente trabalho se propôs a fazer uma análise da estrutura temática da situação inicial dos contos de fadas, com base nos pressupostos teóricos da linguística sistêmico-funcional de Halliday.

Como se trata de um gênero conhecido pela maioria dos estudantes, devido ao seu alcance social, ele constitui um excelente ponto de partida para o desenvolvimento da leitura e produção de textos narrativos nas escolas de educação básica.

Observou-se então que, além de sua relevância na sociedade, as estruturas temáticas deste gênero são materializadas por construções que são facilmente identificáveis por leitores pouco experientes, já que sua estrutura prioriza o uso de ordem direta além de participantes que são materializados através de substantivos, pronomes e elipses recuperáveis com naturalidade.

Verificou-se também que os contos que apresentam mais de uma personagem central possuem padrões bem definidos de progressão temática, de acordo com aquilo que o autor se propõe a comunicar: padrão linear, quando o desejo é dinamizar a leitura; padrão de subdivisão de rema, no momento em que há distinção entre características ou ações particulares de personagens; e padrão com tema constante, quando se ambiciona apontar ações e características comuns entre os participantes.

Desse modo, acredita-se que o apontamento destas regularidades de funcionamento do conto, seus critérios de sequenciação e de boa composição podem contribuir significativamente para o ensino de língua materna e, com isso, promover de fato a competência dos estudantes para a multiplicidade de eventos da interação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo. Parábola, 2010.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: línguas, 9º ano*. 3. ed. São Paulo: Atual, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HALLIDAY, Michael. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

_____. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, J. (Org.). *Novos horizontes em linguística*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1976.

LEETE-HOGGE, Lornie. *Os mais belos contos de fadas*. Trad. Ruth Rocha. São Paulo: Círculo do Livro, 1981, p. 16-74.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.